UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

HELENA MARIA SAMPAIO BICALHO

O FANTASMA NA DIREÇÃO DA ANÁLISE

732925

SÃO PAULO
1990

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

HELENA MARIA SAMPAIO BICALHO

O FANTASMA NA DIREÇÃO DA ANÁLISE

Tese apresentada ao INSTITUTO DE PSICOLOGIA da USP como parte dos requisitos para obtenção do grau de DOUTOR em Psicologia - Área de Concentração: Psicologia Clínica.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Nogueira

SÃO PAULO
1990

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"O FANTASMA NA DIREÇÃO DA ANÁLISE".

Candidata: HELENA MARIA SAMPAIO BICALHO

Orientador: Doutor Luiz Carlos Nogueira

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências (Psicologia) - área de concentração PSICOLOGIA CLÍNICA.

COMISSÃO JULGADORA

Doutor Lafayette de Moraes

Doutora Melany Schvartz Copit

Doutora Marlene Guirado

Doutora Therezinha Moreira Leite

Doutor Luiz Carlos Nogueira

Ao Luiz Carlos

Ao Marcelo, Paulo
Sílvia, Márcia
e Lúcia

Aos meus pais
e irmãos

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira, orientador da tese, pelo afeto partilhado na convivência da vida intelectual.

Ao Antonio Godino Cabas, que foi meu analista.

Aos psicanalistas franceses, J.A. Miller, Serge Cottet, Colette Soler e Robert e Rosine Lefort.

Às psicanalistas argentinas Diana Paulosky e Mabel Grosso.

Aos lógicos Prof. Dr. Lafayette de Moraes e Prof. Jair Abe.

Aos meus analisantes e aos que participam da minha transmissão em psicanálise.

Ao CNPq pela bolsa recebida.

Ao meu filho Marcelo, pelo carinho de sua
inestimável ajuda.

Ao meu pai e à Emyrene.

Aos meus irmãos e cunhados.

Ao Antonio Pompeo de Camargo e à Célia Pom-
peo de Camargo.

À Ligia Bicalho.

Ao Sidney Basile e à Elisabete Basile.

À Silmia Sobreira da Silveira.

ÍNDICE

	Página
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I : A Entrada em Análise e os Elementos da Pesquisa Psicanalítica	4
CAPÍTULO II : Neurose ou Psicose: Esquema R ou Esquema I	11
CAPÍTULO III : A Constituição do Fantasma: Alienação e Separação	25
CAPÍTULO IV : O Fantasma na Direção da Análise	34
ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO	62
RESUMO	66
RÉSUMÉ	68
SUMMARY	70
ANEXO: O Caso Clínico	72

INTRODUÇÃO

O tema desenvolvido nesta tese dá seguimento àquele já tratado na dissertação de mestrado.

Naquela ocasião, ao discutir o narcisismo em Freud e Lacan, mostrei como a partir de Lacan, mas desde Freud, não se pode falar de imaginário a não ser numa relação ao simbólico. Isto porque não há autonomia ao nível imaginário mas ao nível simbólico.

Para tratar e situar o fantasma na direção da análise é preciso fazê-lo à luz da topologiana lacaniana, isto é, do real, do simbólico e do imaginário.

Lacan vai retomar a superação da primeira teoria das pulsões (sexuais e de autoconservação) em Freud e sua elaboração da segunda teoria das pulsões (vida e morte) para, através da pulsão de morte, que opera como fundamento da repetição, mostrar a dimensão real do gozo. A partir desta articulação é que será possível tratar a dimensão do sintoma e sua relação ao fantasma na direção da análise.

Se de um lado o fantasma é o suporte do desejo, por outro lado ele é ponto de gozo; assim é um articulador de desejo e gozo na direção da análise. É através da posição do sujeito no fantasma que teremos uma

leitura da estratégia de desejo e da modalidade de gozo.

Se o sintoma é interpretado, o fantasma é construído em análise.

A travessia do fantasma na análise implica na construção do fantasma fundamental, ponto axiomático na estrutura do sujeito.

No 1º capítulo abordei os elementos necessários para que haja pesquisa clínica no âmbito da psicanálise: S1, S2, § e d — elementos do discurso analítico.

A entrada em análise está caracterizada pela histerização do discurso.

Para que haja sintoma analítico constituído é preciso a implantação do significante da transferência.

No 2º capítulo abordei os elementos que constituem a estrutura do sujeito. A sustentação dela é a metáfora paterna.

Há uma diferença essencial nesta constituição na relação da neurose com a psicose.

No 3º capítulo abordei a constituição do fantasma. Há duas operações fundamentais atuando: a alienação e a separação.

Neste capítulo trabalhei uma articulação da Ló-

gica com a Psicanálise, para discutir as duas operações.

No 4º capítulo trabalhei o grafo do desejo, tal como proposto por Lacan, para discutir o lugar e a função do fantasma na direção do tratamento, trazendo algumas articulações sobre a sua travessia.

CAPÍTULO I

A Entrada em Análise e os Elementos da Pesquisa Psicanalítica.

A Entrada em Análise e os Elementos da Pesquisa Psicanalítica

A relação peculiar que o sujeito está em relação ao objeto tem consequências para a demarcação do âmbito de pesquisa, onde se situa a psicanálise.

É uma relação que está fora da observação ou relação direta com o objeto, portanto, de qualquer ordem empírica.

A pesquisa psicanalítica poderia ser demarcada por quatro elementos - S1, S2, \$ e a - os elementos do discurso psicanalítico.

Propomos a seguinte simbolização para mostrar a articulação entre estes elementos:

Esta simbolização esclarece que o simbólico antecede o sujeito. O \$ é um efeito da articulação significante S1 — S2, e o a seu resto. O traço colo-

cado entre os significantes não é arbitrário. Esta aí para mostrar que a articulação significativa engendra o vazio. Ela se movimenta na cadeia significativa por retroação, isto é, de S2 para S1.

Portanto, é o instante fantasmático na direção da análise que demarca a colocação em funcionamento do dispositivo analítico.

O acesso ao fantasma na pesquisa psicanalítica só se faz com a mediação da linguagem. É a partir dele que estarão constituídos os quatro elementos operantes neste dispositivo.

A entrada em análise é equivalente à instauração do analisante no dispositivo analítico. Este dispositivo é artificial e só funciona na suposição de um Sujeito Suposto Saber, pois é uma clínica sob transferência.

Como é que o analista vem ocupar esta posição? O analista na posição de Sujeito Suposto Saber é um efeito da estrutura da situação analítica. O Sujeito Suposto Saber não é algo que se observe mas consequência direta do procedimento da regra fundamental da psicanálise, a associação livre.

A posição que o analista ocupa enquanto Sujeito Suposto Saber só é possível porque há um enganche a um

Sq (significante qualquer) do analista. Este enganche é que vai sustentar as intervenções do analista no trabalho de associação livre do analisante.

A formalização disto Lacan nos deu no seguinte matema¹:

$$\begin{array}{ccc} S & \longrightarrow & Sq \\ \hline s & (S1, S2 \dots Sn) & \end{array}$$

O matema mostra que é o Sq (significante qualquer do analista) que vai permitir o trabalho da cadeia significante, o saber inconsciente.

Em seu texto *Televisión*², Lacan nos diz que o inconsciente não pode existir a não ser num discurso.

Isto permite um ponto de articulação entre a entrada em análise, via Sq do analista e a teoria dos discursos tal como Lacan propõe.

Na teoria dos quatro discursos de Lacan só temos um matema para a neurose: o matema do discurso da histórica.

1. Lacan, J. Proposition du 9 octobre de 1967 sur le psychanalyste de l'École, *Sci licet* n°1, Paris, Seuil, p. 19.

2. Lacan, J. *Televisión*. Paris, Seuil.

Lacan vai operar com o matema do discurso da histérica como paradigmático para toda neurose.

Nos matemas da teoria dos quatro discursos, os elementos ocupam quatro lugares, a saber: agente, outro, produção e verdade. A simbolização dos lugares se faz da seguinte maneira³.

agente	outro
_____	_____
verdade	produção

No matema do discurso da histérica ($\frac{\$}{a}$ $\frac{S1}{S2}$)
 a ← S2
 impotência

o que podemos ler é "que a histérica como \$, ocupando o lugar do agente interpela o S1, significante primeiro que lhe falta para poder significar e recobrir o agulheiro do seu desejo, tendo no lugar da verdade o objeto a"⁴.

Encontramos no discurso histérico uma interpelação ao Outro, mas em S1 e para produzir um saber S2. O

3. Lacan, J. Radiophonie, Scilicet, nº 2/3. Paris, Seuil, 1970, p.99.

4. Capurro, R. e outros. Sobre a histeria. Histeria y Obsesion. Cuarto Encuentro Internacional del Campo Freudiano. Ed. Manantial, 1986.

sujeito histérico não cessará de se dirigir ao Outro com a intenção de recobrir o agulheiro de seu desejo.

A passagem do discurso da histérica ao discurso do analista não é em absoluto natural, embora seja necessário passar pelo discurso da histérica para passar ao discurso do analista.

Na proposição de 67, Lacan⁵, diz que se a análise tem uma saída possível é porque o analista dirige o analisante à identificação ao desejo. Este modelo de identificação, diferente do modelo histérico implica a redução do analista a um significante qualquer, (Sq) e suscita o surgimento do objeto causa de desejo enquanto tal.

Nesta passagem do discurso da histérica ao discurso do analista o que muda é a ordem em que está posto o objeto. O discurso da histérica coloca o objeto no lugar da verdade e se põe como agente da produção desta verdade. Neste sentido, o objeto fica imaginarizado e a verdade como toda.

É o significante da transferência que vai esva-ziá-lo e promover a passagem do discurso da histérica ao discurso do analista. Isto implica em distanciar o dese-

---

5. Lacan, J. Proposition du 9 octobre de 1967 sur le psychanalyste de l'École, *Scientific*, nº 1, Paris, Seuil.

jo de qualquer forma de substância. O objeto causa de de desejo é irreduzível à significação fálica.

É a implantação do significante da transferência que faz a passagem do discurso da histérica ao discurso analítico, ou seja de

$$\left(\begin{array}{cc} \$ & S1 \\ \hline a & \leftarrow S2 \end{array} \right) \text{ à } \left(\begin{array}{cc} \overset{\text{impossível}}{a \longrightarrow} \$ & \\ \hline S2 & S1 \end{array} \right).$$

impotência

No discurso analítico o a se sustenta do $S2$, quer dizer do saber na medida em que ele está colocado no lugar da verdade. É de lá que ele interpela o $\$$, o que deve levar à produção do $S1$, significante do qual se possa resolver sua relação com a verdade. Assim, há um esvaziamento do objeto e $S2$ é colocado no lugar da verdade, que então se torna meia-verdade, produto da articulação significativa.

Esta passagem do discurso da histérica ao discurso do analista implica uma mudança em relação às modalidades: da impotência à impossibilidade. Esta passagem põe uma questão radical na relação do sujeito com o objeto, situando no discurso o instante do fantasma.

Podemos situar da seguinte maneira:

CAPÍTULO II

Neurose ou Psicose: Esquema R ou Esquema I

Há uma tese fundamental da qual Lacan parte para diferenciar neurose de psicose que é a seguinte: "... a condição do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenvolve no Outro. O que aí se desenrola é articulado como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro) cuja sintaxe Freud procurou definir em primeiro lugar pelos pedaços que em momentos privilegiados, sonhos, lapsos, ditos espirituosos, dele nos chegam"¹.

O primeiro ponto desta tese coloca o sujeito na dependência do significante, portanto, é desta relação que dependerá a condição do sujeito.

Há um outro ponto bastante importante nesta tese, que precisará a articulação deste parágrafo com a nota de 1966 do mesmo texto e que colocaria a questão do estatuto do objeto nesta relação.

Assim, "... a condição do sujeito (neurose ou psicose) dependeria do que se desenvolve no Outro", tanto na vertente significante quanto na vertente objeto.

Na vertente significante, o sujeito como efeito da articulação significante e sua emergência em momentos privilegiados da fala, ou seja, sonhos, atos falhos e ditos espirituosos, tal como nos legou Freud.

---

1. Lacan, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.549.

Na vertente objeto, o sujeito como objeto do desejo do Outro, que o instante do fantasma "... sela, recusando ao sujeito do desejo que se saiba efeito de fala, ou seja, que ele não é outro que o desejo do Outro"².

Portanto, podemos situar a experiência analítica enquanto investigação do campo central do desejo, articulável nestas duas vertentes: significante e objeto.

É o instante do fantasma, articulando elementos heterogêneos, que põe em cena esta investigação.

A tese já citada de Lacan é trazida em seu texto "De uma questão preliminar..." através de dois esquemas: o esquema R e o Esquema I³ (p.13).

No esquema R temos os elementos que compõem as condições para a neurose e explicita a dependência deles do que se desenvolveria no Outro.

O esquema R, ao demarcar o campo da realidade mostra também que "... este campo não funciona senão quando obturado com a tela do fantasma"⁴. Portanto, demarcar o campo da realidade obturando-o com a tela do fantasma é uma condição da neurose.

---

2. Lacan, J. Position de l'inconscient. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.836.

3. Esquema L., Esquema R e Esquema I. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.548, p.553, p.571.

4. Lacan, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. Écrits, Paris, Seuil, p.553 (Nota de 1966).

A partir disto podemos dizer, relacionando o esquema L com o esquema R, que a posição do sujeito em re-

lação à sua fala reporta à posição do sujeito no fantasma.⁵

Como situar o esquema R? De onde Lacan partiu e qual é o uso heurístico de geometria que se pode tirar daí para a sua teoria?

O esquema R é um plano projetivo. Ao nível da geometria temos o quadrado ($PM\psi I$). A partir de sua diagonal podemos obter dois triângulos isóceles (PMI) e (ψMI). O corte que incide no quadrado (de um outro segmento de reta diferente da diagonal do quadrado e, no caso, sobre o triângulo imaginário porque interessa ao uso heurístico que Lacan vai fazer), nos dá o trapézio. Este trapézio tem como base inferior a diagonal do quadrado e como base superior o segmento $\overrightarrow{m_1}$. Há então uma passagem da geometria euclidiana plana para a geometria euclidiana no espaço, na medida que se propõe uma transformação do trapézio em Banda de Moebius.

5. Lacan, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose". *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.548.

Nota sobre o esquema L.

Para definir os elementos do esquema L, Lacan nos diz:

S, o sujeito em sua inefável e estúpida existência; a , os seus objetos; a' , seu eu, a saber o que se reflete de sua forma nos objetos, e A, o lugar de onde se coloca para ele a questão de sua existência.

Neste esquema temos dois eixos: $a-a'$, eixo imaginário e S-A, eixo simbólico. O esquema mostra que a condição do sujeito depende do que ocorre no Outro. é o acesso do sujeito à função diretriz de uma articulação significativa que permite a passagem pelo eixo $a-a'$, em direção ao Outro. Na medida que esta função diretriz falta, o sujeito fica perdido no eixo $a-a'$. A partir daí toda tentativa de articulação significativa no Outro encontra o buraco no lugar da significação fálica e remete-o novamente ao eixo $a-a'$, num movimento de captação imaginária entre o eu e seus objetos.

A partir desta passagem proposta coloca-se a seguinte questão: qual é a propriedade que permite a transformação do trapézio numa banda de Moebius? Esta propriedade é uma torsão onde se justapõem lados opostos não paralelos. No caso do trapézio do esquema R temos: $\overline{M} \rightarrow \underline{m}$ e $\overline{I} \rightarrow \underline{i}$. Há um aspecto importante na transformação de uma figura qualquer no plano em banda de Moebius: tem que ser um quadrângulo (figura que tem quatro lados). Portanto, para que se obtenha uma banda de Moebius, os pontos $\overline{m}$ e $\underline{i}$ do trapézio têm que ser distintos.

Uma outra questão que se coloca sobre esta transformação é a seguinte: qual é o ganho que se obtém? O ganho mais importante é que ocorre a transformação de uma figura que apresenta interior e exterior em uma figura que não tem mais interior e exterior, tem uma face só.

Qual é o uso heurístico que podemos tirar disto?

Em primeiro lugar que os pontos de sustentação do esquema R são os elementos da metáfora paterna.

No triângulo simbólico o ponto de sustentação é P, significante Nome do Pai. É ele que permite e que conduz a operação da metáfora paterna.

No triângulo imaginário o ponto de sustentação é φ , significante fálico, produto da operação da metáfora paterna

A partir dos pontos de sustentação há o corte, para a obtenção do trapézio. Anteriormente foi dito que o corte incidia no triângulo imaginário devido a um uso heurístico que Lacan pretenderia fazer. Como é isto? Desde a sua leitura do signo lingüístico de Saussure, ou seja, $\frac{S}{S}$, Lacan destacou a autonomia do significante em relação ao significado e a notação de fração como barra separadora do recalque. No esquema R isto aparece como a imutabilidade do triângulo simbólico e a alteração do triângulo imaginário. Num primeiro momento pode parecer que a faixa correspondente ao campo da realidade se altera devido aos elementos imaginários que vão sendo simbolizados pelo trabalho dos significantes, representado pelo triângulo simbólico. Mas a nota de 1966, articulando ao esquema R o objeto a , permite articular também ao esquema um outro registro da topologia de Lacan, o registro real.

O corte operado $\overrightarrow{mI}$, $\overrightarrow{MI}$ isola no campo uma Banda de Moebius que dá a estrutura do sujeito. É este corte que permite o esvaziamento da roupagem narcísica do objeto e o acesso ao objeto a , isto é, ao real.

Ao nível da transferência, este movimento na direção do tratamento implica o analista numa posição de 'semblant' de objeto a .

Este esquema mostra que a estrutura do sujeito e, portanto, sua constituição coincide com a articulação dos três registros real, simbólico e imaginário. É na articulação dos três registros que podemos trabalhar ao nível da estrutura.

A partir da nota de 1966 é possível pensar as seguintes articulações: 1) a estrutura da banda de Moebius - uma figura de uma face só - permite pensar o inconsciente a partir da fala. A tese de Lacan "o significante representa o sujeito para outro significante" põe o sujeito do inconsciente como efeito de fala - a figura de uma face só da banda de Moebius; 2) situar o fantasma na direção do tratamento: a) o fantasma ao nível imaginário - ao nível do triângulo imaginário temos a relação ($a-a'$); b) o fantasma ao nível simbólico decorrente das articulações significantes ($S1-S2$), representadas pelo triângulo simbólico; c) o fantasma ao nível real - decorrente do corte. Segundo Lacan "...só o corte revela a estrutura da superfície inteira por aí destacar estes dois elementos heterogêneos: $\$ \diamond a''^6$.

Há ainda um comentário a respeito do uso heurístico. Por que a importância de se manter distintos os pontos $\mathbb{M}$ e i para que o trapézio se transforme em banda

---

6. Lacan, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. *Écrits*, Paris, Seuil, p.554 (Nota de 1966)

de Moebius? Em seu uso heurístico, entendermos isto como a sustentação do imaginário enquanto imaginário e não confundido com o real, como aparece no esquema I. É o funcionamento do simbólico que permite a separação do imaginário e real, decorrente da simbolização primordial. Esta sustentação é um produto da metáfora paterna que se denomina falo "por onde o desejo da criança encontra como se identificar à falta-em-ser da mãe, ao qual, bem entendido, ela mesma foi introduzida pela lei simbólica onde esta falta se constitui"⁷

Se a estrutura do sujeito neurótico está sustentada pela metáfora paterna, na neurose há um compromisso simbolizante e por isto "a neurose é uma fala que se articula"⁸, enquanto na psicose isto não ocorre.

A simbolização primordial deve ser situada como uma anteriormente lógica e não cronológica. Não é uma etapa que possa ser situada numa gênese, as primeiras articulações simbólicas caracterizam um momento lógico e não genético.

"Ao tratar a simbolização primordial em seu texto "Die Verneinung", traduzido por "A denegação", Freud diz que no início não havia nada de estranho. Aquilo que é da ordem do que é estranho ao sujeito e que é dele mes

7. Lacan, J. Op. cit. p.565.

8. Lacan, J. Le Séminaire, livre III, Les Psychoses. Paris, Seuil, 1981, p.94.

mo é uma operação. A esta operação Freud chamou de expulsão (Ausstossung). Esta operação de expulsão, que induz um resto a partir do indiferenciado primordial, tem por sucessão a denegação (Verneinung), que simboliza este momento de expulsão e cuja contrapartida da simbolização é a Bejahung, como aquilo que não foi excluído. Esta afirmação (Bejahung) se inscreve no sujeito como negação (Verneinung). É esta última que constitui o real como o domínio que subsiste fora da simbolização, como aquilo que sempre esteve aí"⁹.

A contribuição freudiana apresentada neste texto é mostrar que a simbolização primordial "É marcada por uma diferença de nível no sujeito"¹⁰.

Esta diferença de nível marca a inversão: o que era da ordem da expulsão (Ausstossung) e, portanto, exclusão, torna-se da ordem da Bejahung (afirmação) e, portanto, da inclusão.

---

9. Lew, R. A denegação na obra de Freud. São Paulo, Escola Freudiana de São Paulo, 1981.

10. Lacan, J. "Reponse au commentaire de Jean Hyppolite", in: Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.382.

Na medida que a afirmação primordial se inscreve como a negação da expulsão é a inscrição desta negação que denunciará o que há daquilo que se deve a simbolização primordial. É aí que há incidência do recalcado originário, "o 'não' é um certificado de origem"¹¹.

Em seu comentário do texto freudiano, Lacan propõe que na Bejahung "já se manifesta uma estrutura combinatória"¹². Portanto, a Bejahung instaura um jogo de substituição significante. Trata-se de uma estrutura e não de uma gênese psicológica, o que conduz à topologia do sujeito na estrutura significante pois o que "aparece de início como falta no que é significado pelo par de significantes, no intervalo que os liga ... é o desejo do Outro"¹³.

Quando não há presença do significante no Outro há "função do inconsciente distinta do recalcado ... que é a forclusão"¹⁴.

---

11. Freud, S. La negación. Obras Completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, p.2885.

12. Lacan, J. "Remarque sur le rapport de Daniel Lagache: Psychanalyse et structure de la personnalité", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.662.

13. Lacan, J. Le Séminaire, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Paris, Seuil, 1973, p.213.

14. Lacan, J. "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.557.

A foraclusão (Verwerfung) articula-se com a ausência da Bejahung e "será tida por nós pela foraclusão do significante ... chamado Nome do Pai, onde pode então responder no Outro um puro e simples buraco, o qual pela carência do efeito metafórico provocará um buraco correspondente no lugar da significação fálica"¹⁵.

Esta articulação trazida por Lacan precisa os efeitos da simbolização primordial na estrutura do sujeito. Na neurose há Bejahung, isto é, inscrição do significante primordial Nome do Pai e assim possibilidade de início da cadeia significante. "É um acidente neste registro e o que aí se realiza, a foraclusão do Nome do Pai no lugar do Outro e na falha da metáfora paterna que designamos o defeito que dá à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose"¹⁶.

Se não há Bejahung, no lugar da articulação significante primordial o que ocorre é a holófrase. Na holófrase "... na medida que não há intervalo entre S1 e S2, pois o primeiro par de significantes se solidifica ... há uma tomada em massa da cadeia significante primiti-

---

15. Lacan, J. "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.557.

16. Op. cit., p.575.

va"¹⁷, tornado signo o que deveria ser da ordem significante. Portanto, o que não ocorre é a divisão do sujeito, na medida que é a Bejahung que possibilita a inscrição do recalque original, permitindo a substituição significante.

É a condição de metáfora ligada à simbolização primordial que permitirá que a estrutura do sujeito seja sustentada pela metáfora paterna.

Assim, em Lacan, a metáfora paterna é o operador que permitirá ou que sustentará a simbolização primordial.

Lacan nos dá a seguinte fórmula para a operação da metáfora paterna:

$$\begin{array}{ccc} \text{Nome-do-Pai} & \text{Desejo da Mãe} & \text{Nome-do-Pai} \quad A \\ \hline \text{Desejo da Mãe} & x & \text{Falo} \end{array} \longrightarrow$$

Esta fórmula da metáfora paterna não é uma verdadeira fórmula matemática mas pseudo-matemática, tendo o estatuto de uma notação e que nos permite precisar os elementos em jogo na operação. Foi a crítica da metáfora

17. Lacan, J. Le Seminaire, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Paris, Seuil, 1973, p.215.

na Retórica Clássica, onde ela era tomada no sentido analógico para situá-la à luz de sua teoria do significante, como uma substituição significante, que permitiu a Lacan forjar o conceito de metáfora paterna.

A substituição significante, Desejo da Mãe pelo Nome do Pai, presente na fórmula da metáfora implica também uma simplificação. Como resultado desta simplificação, desaparece o significante desejo da mãe da 'fórmula'. Esta operação implica que o Nome-do-Pai metaforiza o desejo da mãe. Esta metaforização fala do exercício da função paterna, no registro do simbólico, na estrutura do sujeito: articular o desejo à Lei.

A partir da fórmula da metáfora paterna, e como produção dela, há um significante privilegiado para estruturar a disposição perversa polimorfa da sexualidade infantil, que é o significante fálico. Podemos então dizer, que via metaforização do desejo, a sexualidade infantil estrutura-se sob a primazia do falo.

E o x da 'fórmula' da metáfora paterna, o significado desconhecido do desejo da mãe, como situá-lo em relação à estrutura do sujeito? A realização da metáfora vai mantê-lo no estatuto de enigma, sustentando a seguinte questão para o sujeito: quem sou eu para o desejo do Outro?

Retomando o esquema R, aí se instaurará a tela do fantasma e ao articular o desejo ao fantasma põe uma economia de gozo, onde o desejo é desejo do Outro.

O que é que se destaca na passagem do esquema R para o esquema I? A ausência dos dois vértices - Ψ e P - e a transformação das bases do trapézio em duas hipérbolas. Portanto, a diagonal do quadrado transforma-se na assíntota, reta que vai tangenciar os ramos da hipérbole ao infinito. A região que era delimitada pelo trapézio torna-se infinita. Portanto, há essencialmente uma transformação de região finita - o trapézio - em região infinita. Perde-se então, a propriedade de obtenção da banda de Moebius.

Ao nível de uso heurístico o campo da realidade sofre uma modificação. Com a ausência de P e Ψ , respectivamente significante do Nome-do-Pai e falo, perde-se a possibilidade do campo da realidade ter o enquadre do fantasma.

É a ausência deste enquadre que caracteriza na psicose o processo "de desastre crescente do imaginário, até ser atingido o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante"¹⁸.

---

18. Lacan, J. D'une question Préliminaire à tout traitement possible de la psychose", *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.577 (Nota de 1966).

Neste sentido, a ausência do Nome-do-Pai no lugar do Outro, põe o sujeito da psicose como diferente do sujeito do inconsciente da neurose. Ao invés da economia de gozo possível na neurose o que encontramos é o sujeito invadido pelo gozo (região infinita do esquema I) sem poder organizar a realidade, função do fantasma na estrutura do sujeito.

CAPÍTULO III

A Constituição do Fantasma: Alienação e Separação

A primeira fórmula que Lacan propôs para o fantasma foi a seguinte: $a - a'$.

Nesta fórmula, a referia-se ao *moi* e a' referia-se à sua projeção (indiferentemente sua imagem ou a do outro). De qualquer maneira, $a - a'$ era concebido como obstáculo ao surgimento do sujeito no lugar de sua determinação significativa A^1 .

Alguns anos após esta formulação, Lacan propôs uma outra fórmula para o fantasma: $\$ \diamond a$.

Qual foi a transformação em relação à questão do fantasma que acarretou a mudança na fórmula?

"A transformação mais importante em relação a esta formulação diz respeito ao estatuto do objeto: de imaginário para real. Mas a novidade desta fórmula é implicar no fantasma o sujeito como efeito da articulação significativa. Ou seja, no fantasma fica implicado um elemento do nível simbólico, que é efeito da dimensão simbólica e outro do registro real. Articulam-se assim dois elementos heterogêneos"².

-
1. Lacan, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.548. (Esquema L)
  2. Miller, J.A. Dos dimensiones clinicas: síntoma y fantasma. Edit. Fundación del campo freudiano en Argentina, 1983, p.51.

Esta articulação de dois elementos heterogênos revela que o sujeito, na experiência analítica, aparece de um lado como efeito do significante e de outro com uma estreita vinculação com o objeto através do fantasma.

Como situar o articulador $\diamond$ da fórmula do fantasma?

Em seu Seminário "Os quatro conceitos fundamentais" Lacan propõe a discussão deste articulador à luz da Lógica Clássica, separando as duas metades do losango e tornando-as conectivos do cálculo sentencial.³

A transformação seria a seguinte: $\diamond \rightarrow \vee \wedge$

$\wedge \rightarrow$ conjunção

$\vee \rightarrow$ disjunção

Lacan articula esta operação presente na fórmula com as duas operações de causação: alienação e separação.

Para desenvolver esta articulação, opera com o diagrama de Venn. Fica, então, para o leitor a seguinte questão: como é que ele operou esta passagem dos conectivos do cálculo sentencial para a lógica das classes através do Diagrama de Venn?

É o estudo da Lógica Clássica que permite um es-

---

3. Lacan, J. Le Séminaire, Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris, Seuil, 1964, p.190.

clarecimento a respeito desta passagem na discussão do ma tema.

A partir da Lógica Clássica é possível estabelecer a seguinte correspondência⁴:

Cálculo sentencial	Lógica das classes
$\wedge$	$\cap$
$\vee$	$\cup$
$\neg$	$-$

Sendo:

$\wedge$ conjunção

$\cap$ intersecção

$\vee$ disjunção

$\cup$ reunião

$\neg$ negação

$-$ complemento

Para a discussão do matema e das duas operações de causação implicadas em sua articulação, Lacan utilizará as seguintes correspondências:

4. Anotação da aula de Lógica, proferida pelo Prof. Dr. Lafayette de Moraes.

$\vee$ corresponde $\cup$
 $\wedge$ corresponde $\cap$

Há então, uma utilização heurística de Lógica.

Para desenvolver a operação de alienação propõe-se a primeira correspondência ($\vee$ corresponde $\cup$). O diagrama de Venn será utilizado da seguinte maneira⁵:

Portanto, vai utilizar a fórmula lógica da reunião. Para tornar claro o uso heurístico desta proposta é preciso lembrar que, ao nível da lógica das classes, reunir é diferente de adicionar. Esta propriedade é importante no uso heurístico feito por Lacan.

Consideremos o seguinte exemplo:

Sejam A e B duas classes, sendo $A = 5$ e $B = 5$.

Então $A \cup B = 8$

---

5. Nota: A utilização do diagrama de Venn foi baseado no Livro "Lógica, Simbolização e Dedução". Hegenberg, L. S. Paulo, Herder/Universidade de São Paulo, 1973.

O que é que permite a obtenção deste resultado? É a propriedade da reunião de classes. Através dela sabe-se que, na reunião, para que cada classe possa manter o seu número de elementos tenho que tomar ou uma ou outra. Portanto, na reunião não haverá mais do que oito elementos.

Considerando o uso heurístico desta operação, no vel da alienação haverá uma reunião. Isto é, na relação do sujeito com o Outro, ao nível da primeira operação de causação, se eu escolho o Outro o sujeito desaparece.

Portanto, o sujeito na sua dependência em relação ao Outro implica em sua aphanisis.

"O sujeito determinado pela linguagem e pela fala, 'in initio', começa no lugar do Outro na medida que lá surge o primeiro significante ... mas ao nascer com o significante o sujeito nasce dividido"⁶.

A reunião das classes permite dar conta desta divisão do sujeito na medida em que esta "implica que se o sujeito aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro aparece como aphanisis"⁷.

Esta primeira operação dá conta da função mesma do significante: o exercício dela implica a aphanasis do sujeito. Na medida que surge no campo do Outro o primeiro significante, o significante unário, e que ele representa o sujeito para outro significante, este último tem por efeito a aphanasis do sujeito. Portanto, o significante binário leva à aphanasis do sujeito.

A segunda operação de causação vai ser desenvolvida a partir da seguinte correspondência: ($\wedge$ corresponde $\cap$).

---

6. Op. cit., Seminário XI, p.180.

7. Op. cit., Seminário XI, p.191.

Considerando esta correspondência, o diagrama de Venn será utilizado da seguinte maneira:

A intersecção das duas classes constitui os elementos que pertencem a ambas. O hachurado indica que é um conjunto vazio. Isto é, o produto da operação de intersecção é um conjunto vazio.

No uso heurístico desta operação, a intersecção aparece na relação do sujeito ao Outro como "um intervalo cortando os significantes que faz parte da estrutura mesma do significante ... É lá que desliza o desejo. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito, naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro"⁸.

Portanto, pela operação de separação, o sujeito encontra este ponto de hiância da dupla primitiva da articulação significativa, o objeto $\tilde{a}$. Nesta operação o objeto vem tapar esta hiância que constitui a divisão

---

8. Op. cit., Seminário XI, p.194.

inaugural do sujeito. O objeto a , como o resto caído da articulação significante, surge em relação à falta do Outro. Ao nascer para o desejo o sujeito se faz desejo do Outro barrado.

Estas duas operações — alienação e separação — é que permitirão a constituição do fantasma na estrutura do sujeito. É a partir delas que Lacan forjou o matema § $\diamond a$, matema do fantasma.

CAPÍTULO IV

O Fantasma na Direção da Análise

Introdução

Desde o momento em que Lacan pôde destacar a barra separadora no algoritmo saussuriano $\frac{S}{S}$ foi possível instituí-lo como demarcador da topologia do inconsciente. Daí em diante, a teoria do significante privilegiou a ordem significante na constituição do simbólico e esta beleceu sua autonomia.

Em que medida podemos dizer que há função significante instituída para o sujeito?

O que Lacan nos mostrou é que esta condição é uma decorrência da simbolização primordial. É a inscrição do significante Nome-do-Pai que permite o início da cadeia significante e, portanto, simbolização primordial constituída¹.

É a condição de simbolização primordial, que permitirá a constituição dos quatro elementos do discurso analítico: S1, S2, § e a.

Ao forjar a sua teoria do significante estabelecendo a autonomia do significante é que Lacan² pôde esta

---

1. Nota: a condição de simbolização primordial está discutida no Capítulo II.

2. Lacan, J. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.237.

belecer o axioma "o inconsciente é estruturado como uma linguagem"³.

O inconsciente é uma hipótese.

Como se verificar uma hipótese? De duas maneiras: 1) por uma verificação experimental; 2) por uma dedução lógica a partir de uma verdade evidente. Isto deve fundamentar-se num princípio que é o da conformidade entre a linguagem (LOGOS) e o ser, isto é, uma verdade.

Qual é o método que pode ser utilizado para verificar a hipótese do inconsciente?

O inconsciente, como ultrapassa o mundo, não pode ser verificado experimentalmente. E a dedução lógica baseada na linguagem tradicionalmente concebida de signos, que exprimem significações e, portanto, estão ligados ao mundo, não poderia servir também⁴.

É a noção de significante puro, tal como Lacan a trouxe para estabelecer os três momentos da lógica do significante que possibilita a dedução lógica para trabalhar com o inconsciente⁵.

"É principalmente a noção freudiana de trabalho do sonho que conduz a isto, ao apoiar-se no funcionamen-

---

3. Lacan, J. Op. cit., p.225.

4. Juranville, A. Lacan e a Filosofia, Rio, Zahar, 1987, p.21.

5. Op. cit., p.113.

to dos diversos mecanismos do processo primário inconsciente"⁶.

Que o trabalho do inconsciente estivesse relacionado à noção de linguagem, esta é a descoberta freudiana, tão destacada principalmente em seus textos "A Interpretação dos Sonhos", "Psicopatologia da Vida Cotidiana" e "O Chiste e sua Relação com o Inconsciente".

É a partir do que é articulado por Freud sobre o trabalho do inconsciente, na relação do inconsciente com a linguagem, que Lacan privilegiou o como, isto é, o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Em Freud, o trabalho do sonho está relacionado principalmente a dois mecanismos: condensação e deslocamento. São estes mesmos mecanismos que aparecerão nas outras formações do inconsciente, ou seja no ato falho, nas piadas e no sintoma.

Lacan vai buscar uma contribuição da lingüística estrutural, principalmente de Jakobson, para relacionar a condensação com a metáfora e o deslocamento com a metonímia.

A partir desta articulação trazida por Lacan foi possível "a assimilação dos mecanismos inconscientes aos da linguagem"⁷.

---

6. Dor, J. Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p.19.

7. Op. cit., p.41.

Segundo o comentário feito por Juranville⁸ o significante apresenta-se para Saussure segundo dois eixos: o da simultaneidade (relações paradigmáticas ou associativas, "in absentia") e o da sucessão (relações sintagmáticas, "in praesentia"). O significante é essencialmente linear, pertence a uma cadeia significante. A metonímia seria então a substituição de um significante da cadeia por outro (ou de toda a cadeia por um de seus significantes). A metáfora corresponderia à equivalência das diferentes cadeias de significantes.

Então, a metonímia caracteriza o deslocamento do "investimento" entre termos coexistentes e a metáfora supõe a superposição de elementos, a condensação.

Lacan faz uma articulação da contribuição de Saussure com a de Jakobson que também propõe dois eixos para a linguagem: substituição para a metáfora e combinação para a metonímia.

A definição que Lacan nos dá de metonímia é a seguinte: "é a conexão do significante, que permite a elisão pela qual o significante instala a falta de ser na relação do objeto, servindo-se do valor de reenvio da

---

8. Juranville, A. Op. cit., p.48.

significação para investi-lo de desejo, visando esta falta que ele suporta"⁹.

Lacan nos dá a seguinte simbolização dela¹⁰:

$$f (S . . . S') S \equiv S (-) s$$

"O signo (-) manifesta aqui a manutenção da barra (-), que no algoritmo primeiro $\frac{S}{s}$ marca a irredutibilidade onde se constitui nas relações do significante ao significado, a resistência à significação"¹¹.

Portanto, a manutenção da barra é prova de resistência à significação, levando à constituição da cadeia significante onde "o sentido insiste, mas nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação"¹².

"São as correlações do significante ao significado que dão o padrão da pesquisa da significação"¹³.

A definição que Lacan dá da metáfora é a seguinte: "é na substituição do significante ao significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou de criação, dito de outra maneira, o surgimento da significação em questão"¹⁴.

9. Lacan, J. Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.515.

10. Op. Cit., p.515.

11. Id., *ibid.*

12. Op. cit., p.502.

13. Id., *ibid.*

14. Op. cit., p.515.

Lacan nos dá a seguinte simbolização dela:¹⁵

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \approx S (+) s$$

"O signo (+) manifesta a transposição da barra e o valor constituinte desta transposição para a emergência da significação. O S' designando no contexto do termo pro dutivo do efeito significante. Este termo é latente na me tonímia e patente na metáfora"¹⁶.

Há, portanto, na metáfora uma substituição significante. "Na medida que a metáfora mostra que os significados extraem sua coerência unicamente da rede dos significantes, o caráter desta substituição significante demonstra a autonomia do significante em relação ao significado e, por conseguinte, a supremacia do significante"¹⁷.

O conceito de metáfora em Lacan é, portanto, uma crítica ao conceito da metáfora na Retórica, onde ela era tomada no sentido analógico, para situá-lo à luz de sua teoria do significante como uma substituição significante.

Este jogo significante da metáfora e da metonímia vai circunscrever o campo do desejo até o ponto onde "eu penso onde não sou logo eu sou onde eu não penso"¹⁸.

---

15. Op. cit., p.515.

16. Id., *ibid.*

17. Op. cit., p.43.

18. Lacan, J. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.517.

O desejo gravita num campo pulsional, que é diferente do instintual. O pulsional não se relaciona com a necessidade mas há um ponto "'ex nihilo' que introduz a organização do significante no mundo natural. É a partir daí que nasce o que é histórico na pulsão"¹⁹.

Portanto, em todo pulsional há esta marca de linguagem, colocando o desejo humano como inscrito no campo do Outro, "lugar do desdobramento da fala"²⁰.

Se o Outro é um lugar, tesouro do significante, é aí que o sujeito vai dirigir a sua demanda, transpondo o nível da necessidade para o que se articula como significante. "No mundo humano a ordem das necessidade é atravessada pelo fenômeno da linguagem que é chamado de demanda"²¹. Há portanto, "uma substituição do significante às necessidades"²².

Assim, a demanda articula-se em significantes, "deixa um resto metonímico que corre debaixo dela, elemento que não é indeterminado, que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo ... e se situa na dependência da

---

19. Lacan, J. Le Seminaire, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse. Paris, Seuil, 1986, p.361.

20. Lacan, J. La direction de la cure et les principes de son pouvoir. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.628.

21. Juranville, A. Lacan e a filosofia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.84.

22. Lacan, J. La direction de la cure et les principes de son pouvoir. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.619.

demanda, "que é sempre demanda de amor"²³.

Para Lacan é preciso passar da demanda ao desejo mas este já está implicado na demanda "A dimensão do desejo está ligada a uma falta, (que a articulação significativa engendra), que não pode ser preenchida por nenhum objeto real, como tal, o desejo não tem objeto na realidade ... e os objetos que vão se constituir irão sempre constituir-se como objeto substitutivos (metonímicos) do objeto faltante"²⁴. (O parêntese é meu).

O sujeito do desejo inconsciente é o sujeito da enunciação e não do enunciado.

---

23. Lacan, J. Séminaire, Livre 11, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris, Seuil, 1973, p.141.

24. Dor, J. Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p.142-146.

O Fantasma na direção da Análise

O sujeito do inconsciente enquanto sujeito dividido aparece e desaparece nas formações do inconscientes, na medida em que elas têm estrutura significante. Isto porque o significante representa o sujeito para outro significante. É no fantasma que podemos encontrá-lo, articulado ao objeto.

A diferença entre enunciado e enunciação é do campo da Lingüística mas ao trazê-la para o campo psicanalítico Lacan opera uma transformação.

"Toda produção lingüística pode ser considerada desde dois ângulos: 1) como uma série de frases ou um enunciado ou, 2) como um ato no curso do qual as frases atualizam-se, quer dizer, a enunciação ou situação discursiva. Esta última, em sentido estrito, refere-se não aos problemas contextuais, mas aos elementos do código da língua cujo sentido varia entre diferentes enunciações, por depender de determinados fatores"¹.

---

1. Rabinovich, D. Sexualidade y significante. Buenos Aires, Manantial, 1986, p.43.

Joël Dor comenta que desde a publicação do tratado de "Linguistique générale et de linguistique française", de Bally, em 1932, opõe-se tradicionalmente o enunciado à enunciação².

É ainda Dor que especifica que o sujeito da enunciação em lingüística é o locutor enquanto considerado como uma entidade subjetiva e como lugar e agente da produção dos enunciados³.

Em Lacan enquanto os enunciados estão dados no próprio discurso, eles "...preservam em si mesmos este recuo da enunciação onde atualizam-se os efeitos de metáfora e metonímia"⁴, portanto no próprio ato da articulação significante.

Portanto, para Lacan, a enunciação está ligada às leis do inconscientes. A passagem do plano do enunciado para o plano da enunciação de um discurso no âmbito da experiência psicanalítica, tal como concebida por Lacan, implica necessariamente a emergência do sujeito do inconsciente.

"Não se fala, portanto, ao sujeito. Isso fala dele e é aí que ele se apreende"⁵.

---

2. Dor, Joël. Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p.43.

3. Op. cit., p.117.

4. Lacan, J. Position de l'inconscient. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.845.

5. Op. cit., p.835.

"Nesta perspectiva, a intervenção do analista, que se subtrai igualmente à esterilidade da interpretação, ater-se-á, ao contrário, exclusivamente a pontuar o dizer do paciente por meio de uma escansão que fará surgir, no próprio lugar da enunciação, a abertura significativa que ali se faz ouvir, quando está destinada a se fechar novamente na conclusão do enunciado"⁶.

No trabalho psicanalítico é a escansão que demarca a passagem de um plano da linguagem para o outro.

É nesta passagem que podemos situar as formações do inconsciente como o sonho, o ato falho, as piadas e o sintoma, enquanto momentos privilegiados da fala no que diz respeito ao sujeito do inconsciente, mostrando o descentramento deste sujeito. Esta é a contribuição que a psicanálise nos dá em relação à tradição do pensamento filosófico. O sujeito, a partir da realidade do inconsciente, é um sujeito dividido, sujeitado aos efeitos da linguagem.

Assim, podemos afirmar que o "desejo inconsciente é o desejo do Outro"⁷, fazendo toda a realidade humana passar pelo desfiladeiro significante. Portanto, este campo central do desejo, referência para a experiência

6. Dor, Joël. Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, p.120.

7. Lacan, J. La direction de la cure et les principes de son pouvoir, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.632.

psicanalítica, não é diretamente acessível. Mas a ética da psicanálise é a de dirigir o tratamento cercando este campo.

O trabalho do significante no sonho, no ato falho, nas piadas e no sintoma abre para uma Outra Cena, sempre fantasmática. Ao operar o desdobramento da fala, este trabalho põe em cena uma outra realidade e denuncia o que há de fantasmático na pretensa realidade dos objetos.

Em seu texto: "Subversion du sujet et dialectique du désir" Lacan afirma: "O fantasma é o estofo do eu (Je) que se encontra primordialmente recalcado e não é indicável a não ser no 'fading' da enunciação"⁸.

O 'fading' (desaparecimento do sujeito) da enunciação situa o acesso ao fantasma a partir da articulação significante, cuja estrutura mesma implica a hiância que dá acesso ao objeto a . É na metonímia da cadeia significante que se veicula o desejo mas são os momentos metafóricos da cadeia que fazem a passagem do plano do enunciado ao plano da enunciação. Aí poderemos situar o primeiro movimento do inconsciente, sua abertura.

Mas o segundo movimento do inconsciente, o de seu fechamento, "Não fecha apenas o efeito do primei-

8. Lacan, J. Subversion du sujet et dialectique du désir dans L'inconscient freudien. Écrits, Paris, Seuil, p.816.

ro projetando a topologia do sujeito no instante do fantasma; ele a sela, recusando ao sujeito do desejo que ele se saiba efeito de fala, ou seja, que ele é o desejo do Outro"⁹.

Lacan mostra em seu texto "Position de l'inconscient" que a abertura e o fechamento do inconsciente estão articulados ao redor de dois domínios da experiência analítica: o sujeito e o Outro.

É a relação entre estes dois domínios que vai permitir por em ato as duas operações de causação do sujeito: a alienação e a separação.

A operação de alienação é coincidente com a abertura do inconsciente. É no assujeitamento ao significante, isto é, como efeito da articulação significativa, que podemos falar em sujeito do inconsciente.

A operação de separação está relacionada ao fechamento do inconsciente, não há separação sem relação ao objeto a . Estas duas operações permitem a articulação do $\$$ ao objeto a - $\$ \diamond a$, matema do fantasma, tratadas no Capítulo II.

Na relação do sujeito ao Outro há dois momentos fundamentais que sustentam as duas operações de causa-

---

9. Lacan, J. Direction de la cure. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.618.

das demandas para as quais houve prescrição"¹⁰.

Operando como Sujeito Suposto Saber, o analista privilegia os momentos metafóricos da diacronia significativa ao nível das formações do inconsciente — ato falho, sonho, sintoma e piadas — e maneja a transferência. Este manejo propicia o trabalho da associação livre.

O ponto $s(A)$ "é o que se pode chamar pontuação onde a significação se constitui como produto acabado"¹¹. Portanto, é um momento de escansão.

Há portanto, um circuito que se produz de $s(A)$ à (A) para voltar de A à $s(A)$. Este circuito mostra a submissão do sujeito ao significante, registro do simbólico.

Os pontos m e $i(a)$ são o eu e suas imagens, próprios do registro imaginário. Ao mesmo tempo a posição deles em relação à cadeia significante mostra a dependência deles em relação a ela.

O ponto $I(A)$ é o ideal do eu e o $\$$ o sujeito do inconsciente.

---

10. Lacan, J. Subversion du sujet et dialectique du désir. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.814.

11. Op. cit., p.806.

Articulação do Primeiro Patamar com o Segundo Patamar do Grafo

Seguindo a articulação do primeiro patamar do grafo com o segundo patamar, vemos que é a questão do de sejo que faz subir o grafo e que põe em articulação desejo e gozo. Mas à questão do desejo o sujeito responde com seu fantasma. "O fantasma é um instante de resposta. É o que responde ao enigma do desejo e o que diz qual é o objeto que sustenta este desejo"¹².

No grafo esta articulação é o vetor d , que representa a questão do desejo — Che Vuoi? — e que desemboca no matema do fantasma $\$ \diamond a$.

12. Soler, C. O tempo em análise. Falo. Revista Brasileira do Campo Freudiano, nº 1. Fator, Salvador, 1987, p.91.

O fantasma além de ser sustentação do desejo é também ponto de gozo. "Para encontrar o enfoque freudiano do gozo temos que buscar precisamente o que se refere à pulsão. O gozo não é satisfação de uma necessidade, é satisfação de uma pulsão"¹³.

A direção do tratamento conduzirá a uma desarticulação do $\$$ e do ∂ , permitindo a emergência como tal da pulsão, apontando o real do gozo.

Assim, é o fantasma como resposta ao desejo do Outro que faz tela ao real do gozo.

É aí que se impõe o estatuto ético do fantasma na direção do tratamento, pois é desde aí que se tem a posição do sujeito — que é a posição do sujeito no fantasma — e que vai determinar uma estratégia de desejo e uma modalidade de gozo.

Grafo Completo

13. Miller, J.A. Teoria de los goces. Texto Mimeografado. Inédito.

O vetor do segundo patamar do grafo faz uma articulação entre dois matemas da teoria - o $S(A)$, o significante do Outro barrado e o $\$ \diamond D$, matema da pulsão. "O matema é a formalização inventada por Lacan para o que ocorre no campo psicanalítico"¹⁴. Esta possibilidade de articulá-los num grafo Lacan extrai da função dos grafos na matemática, que é "um conjunto de pares ordena-dos"¹⁵.

O que o grafo nos ensina é que a articulação destes pares ordenados permite um enquadre do gozo por meio da castração.

O matema $S(A)$ é "significante de uma falta no Outro, inerente a sua função de ser o tesouro do significante. É aí que se deve operar o efeito da enunciação inconsciente"¹⁶.

14. Nogueira, L.C. O matema na Transmissão analítica. Inédito.

15. Abe, J. e Papaver, N. Teoria intuitiva dos conjuntos. Inédito.

16. Lacan, J. Subversion du sujet et dialectique du désir. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.818.

É ele que, apontando à falta no campo do Outro, instaura um enquadre ao gozo e ilumina o enigma do desejo do Outro. Por meio da castração, sabemos que somente há falta em relação ao falo.

E "... é (também) a castração que faz do falo o significante do gozo"¹⁷. Assim, "o gozo como fálico é uma regulação do gozo"¹⁸.

Mas, do lado do desejo, podemos dizer que: "... é a castração que rege o desejo"¹⁹.

Assim, a castração é também um articulador do gozo e do desejo. Onde há castração há perda de gozo. Perde-se o gozo todo, que seria o gozo da complementariedade sexual que não existe. Isto implica numa passagem necessária do sexo para a sexualidade.

Se há perda de gozo há também recuperação de gozo através da repetição.

É no "... conceito de repetição que se juntam precisamente o significante e o gozo. A cadeia significante ordena além do princípio do prazer, princípio que é homeostático, vai além do limite que impõe o prazer.

---

17. Op. cit., p.823.

18. Miller, J.A. Teoria de los goces. Texto mimeografado.

19. Lacan, J. Subversion du sujet et dialectique du désir. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.826.

É via $S(A)$ que o sujeito vacila sua posição no fantasma, na medida em que é também o matema para o desejo do analista.

O lado esquerdo do grafo mostra a articulação destes pontos.

No primeiro capítulo já apresentei como o sintoma clínico precisa do engache no Sq (significante qualquer do analista) para tornar-se um sintoma analítico. Se as queixas e os sofrimentos ligados a alguns sintomas levam alguém a procurar uma análise, ainda não é o sintoma analítico. A pessoa não é o sujeito do inconsciente.

O gozo está principalmente no sintoma "... que se propõe a nós como ligado a este registro de satisfação, pois a todo instante o problema é de saber como um nó que só se sustenta de doenças e de sofrimento é justamente aquele pelo qual se manifesta a instância da satis

Mas o gozo é precisamente o que está além do princípio do prazer, está além como infração a tal princípio"²⁰.

Neste texto citado acima, Miller afirma também que a demanda e o desejo implicam de entrada o Outro enquanto que o ponto de partida do gozo é o corpo. Só um corpo pode ou não gozar.

"As relações do gozo com o significante são muito diferentes das relações do desejo com o significante. O desejo está ligado à cadeia significante e portanto às suas permutações, e por isto é muito móvel, e maleável, plástico ao significante. Pelo contrário, as relações de gozo com o significante são relações de exclusão"²¹.

No capítulo anterior situei a exclusão na relação do gozo com o significante ao tratar da operação de separação, ao nível de intersecção no diagrama de Venn, entre o sujeito e o Outro. Isto porque "...no real o gozo se deve ao objeto a "²².

É em $S(A)$ que se tem o efeito da enunciação inconsciente. No grafo, $S(A)$ articula-se com $\$ \diamond a$, matema do fantasma e $s(A)$, matema do sintoma, ambos pontos possíveis de gozo, quer dizer, de satisfação da pulsão.

20. Miller, J.A. Teoria de los goces. Recorrido de Lacan. Buenos Aires, Manantial, 1989, p.158.

21. Op. cit., p.150.

22. Op. cit., p.160.

fação suspensa"²³.

"O sintoma satisfaz ali mesmo onde apresenta-se doloroso"²⁴ e satisfaz principalmente a repetição.

Na obra de Lacan há dois eixos para se falar do sintoma. É Miller que os explicita²⁵. Segundo Miller, o sintoma é para Lacan uma mensagem ou um gozo. A primeira perspectiva está no âmbito do seu texto "Função e Campo da palavra e da linguagem" onde privilegia o nível simbólico do sintoma. Aí o sintoma é concebido como uma articulação significativa. A segunda perspectiva está no âmbito de seu seminário RSI e aí ele privilegia o nível real do sintoma. Ao nível imaginário o sintoma é apenas queixa sintomal.

Para articular o âmbito simbólico e o real do sintoma Miller utiliza o termo envoltura formal do sintoma dizendo que "... o sintoma não é todo significativo e o negativo evocado por esta envoltura formal é que ele envolve gozo, matéria gozante"²⁶.

"O fantasma é aquilo pelo qual o sintoma implica gozo para um sujeito. Desde sempre a análise se move nesta linha: não há sintoma sem fantasma"²⁷.

23. Lacan, J. Seminaire "Logique du Fantasme", Tome 2, 1966 - 67, p.275. Inédito.

24. Miller, J.A. La envoltura formal del sintoma, B.Aires, 1989, p.14.

25. Op. cit., p.11.

26. Op. cit., p.15.

27. Di Ciacca, A. Nota sobre el niño y la psicosis en Lacan, El analiticón, Correo, Paradiso.

Se há gozo tanto no sintoma quanto no fantasma é a partir da posição do sujeito no fantasma que se sabe da modalidade de gozo.

"A única função que se pode dar ao papel do fantasma na estrutura neurótica.. é a de encontrar em cada estrutura a definir, as leis de transformação que asseguram a este fantasma, na dedução dos enunciados do discurso inconsciente, o lugar de axioma"²⁸.

Se as intervenções do analista sobre o sintoma têm estrutura de interpretação, o fantasma não é interpretável mas construído em análise.

"O objetivo da interpretação é destacar... a divisão do sujeito entre enunciado e enunciação, esboçar a clivagem entre $\bar{I}(\bar{a})$ e $\bar{a}$, separar o $\bar{a}$ do Outro.

A interpretação só alcança o lugar do objeto na vacilação que ela produz no sujeito, entre os dois significantes que o dividem.

Neste sentido é que Lacan pode considerar o enigma como uma interpretação; o enigma não engendraria acaso o desejo?"²⁹

Soler ainda diz que é pelo equívoco da interpretação que pode surgir a verdade do "eu não quero saber na

---

28. Lacan, J. Seminaire, Logique du Fantasme, 1966-67, p.322. Inédito.

29. Soler, C. Transferência y Angustia, Manantial, p.64.

da disto" ante a qual o sujeito não pode mais que vacilar.

Esta vacilação toca a posição do sujeito no fantasma.

O fantasma não é interpretável, "porém pivô da interpretação. O fantasma fornece de fato ao analista a chave do lugar que ele ocupa para o sujeito"³⁰.

A escansão operada pelo analista só tem eficacia se ela toca a posição do sujeito no fantasma.

Ao tocar a posição do sujeito no fantasma, enquanto inércia operando no trabalho associativo, o que aparece é a redução dos fantasmas do início da análise a um ponto inercial, axiomático, matriz da significação, que é a condição do fantasma fundamental na estrutura do sujeito.

É o desejo do analista "que opera como desejo de ligar este desejo não ao Outro mas ao objeto, enquanto o analista é produzido como objeto â no lugar do 'semblant', que sustenta a construção do fantasma e funciona na direção da cura para que esta chegue a sua conclusão. O que é o analista produzido como objeto â no lugar do 'semblant'? Quer dizer, posto em função de causa do desejo

---

30. Brousse, M.H. La formula du FANTASME? in Lacan, coletânea dirigida por G. Miller, Paris, Bordas, 1987, p.89.

jo do analisante"³¹.

"Ao construir o analista faz-se de objeto a"³².
 "Leia-se faz-se produzir como objeto a, em outros termos, como matéria prima. Fazer-se produzir implica justamente ser produzido pelo analisante, e pode-se pensar que a matéria em questão é a matéria de seu fantasma. Será preciso pensar numa conexão entre esta matéria, que é o objeto a no fantasma, e o psicanalista que vai fazer de conta deste objeto"³³.

"Nós somos (os analistas) ocasionalmente aqueles que podem ocupar o lugar do 'semblant' e aí fazer reinar o objeto a"³⁴.

"Com o objeto a no lugar do 'semblant', o analista está na posição mais conveniente para 'interrogar como saber aquilo de que se trata na verdade'³⁵ e não o inverso, isto é, tomar a verdade como medida do saber, o que geralmente é a posição do neurótico"³⁶.

Voltando agora ao grafo do desejo, pretendo desenvolver a articulação dos dois matemas presentes no segundo patamar, isto é, $S(A)$ e $\$ \diamond D$. É esta articulação

31. Soler, C. "Transferência e Angústia", op. cit., p.64.

32. Lacan, J. Ornicar nº 29.

33. Cottet, S. "Sobre o psicanalista objeto 'a'", Revista Falo, Salvador, Fator, 1987, p.73.

34. Lacan, J. Sem. Encore, Paris, Seuil, 1975, p.88.

35. Op. cit., p.88.

36. Cottet, S., Op. cit., p.80.

que permitirá situar a travessia do fantasma na direção da análise.

Tomemos o último patamar:

Como situar $\S \diamond D$, o matema da pulsão? "Ele é a articulação entre o sujeito do inconsciente e a demanda, mas a demanda aqui não é a demanda tal como funciona no piso inferior. Aqui o losango indica uma conjunção que se extingue num duplo desvanecimento: o do sujeito na demanda e logo o da própria demanda; fica somente o corte"³⁷.

"O corte é o que resta presente no que distingue a pulsão da zona erógena que ela habita: a saber seu artífcio gramatical, tão manifesto nas reversões de sua articulação à fonte como ao objeto"³⁸.

"A delimitação mesmo da 'zona erógena' que a pulsão isola do metabolismo da função é um corte"³⁹.

Retomando a articulação $S(A)$ com $\S \diamond D$, podemos dizer que se o ponto que põe o sujeito a vacilar sua posi

37. Rabinovich, O. "Sexualidade y significante", Buenos Aires, Manantial, 1986, p.73.

38. Lacan, J. "Suversion du sujet et dialectique du désir". Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.817.

39. Op. cit., p.817.

ção no fantasma é o $S(A)$, a travessia do fantasma ilumina o vazio do objeto a . Isto porque o que a travessia opera é o esvaziamento da roupagem narcísica do objeto — $i(a)$ ⁴⁰ — restando o vazio do objeto a . Este é o momento "do encontro do impossível, enquanto que o objeto, caído do desejo enquanto tal, faz travessia do fantasma", $a \rightarrow \$$ ⁴¹.

Há uma passagem de $\$ \diamond a$ à $a \rightarrow \$$. Este momento é denominando na teoria de destituição subjetiva.

Aí se produz um desejo novo, "causado pela falta"⁴².

"O desejo elucida-se pelo que o causa e não pelo que pretende satisfazer"⁴³.

Se o fantasma é "uma maneira axiomática para dizer o gozo, reduzido a uma fórmula, atravessar esta axiomática não a faz mudar. Isto supõe conhecer, ter uma idéia de qual é a axiomática de seu dizer, de qual é a significação que sempre dá a qualquer coisa que produz. O sujeito tem que saber que além das identificações, o que é próprio dele... são as condições de gozo"⁴⁴.

40. A minha dissertação de mestrado trabalha o registro imaginário.

41. Lefort, R. e Lefort R. Les Demoiselles d'Avignon, Ornicar 46, 1988, p.81.

42. Cottet, S. Sobre o psicanalista objeto a . Op. cit. p.76.

43. Lacan, J. Kant avec Sade. Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.765.

44. Laurent, E. Carácter-Ego-Sujeto. Buenos Aires, Manantial, 1987, p.30.

É a partir deste desejo novo que o sujeito se defronta com as suas condições de gozo, cuja axiomática é dada pelo fantasma fundamental construído em análise.

ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

ABE, J. e PAPAVERO, N. Teoria Intuitiva dos Conjuntos. Inédito.

BICALHO, H. Narcisismo: O Imaginário da Palavra. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia USP, 1984.

BROUSSE, M.H. La Formula du Fantasme, in Lacan. Coletânea dirigida por G. Miller, Paris, Bordas, 1987.

CAPURRO, R. e outros. Sobre a Histeria. Histeria y Obsession, IV Encuentro Internacional del Campo Freudiano, Manatí, 1986.

COTTET, S. Sobre o Psicanalista Objeto a , Revista Falo, Salvador, Fator, 1987.

DI CIACCA, A. "Nota sobre el Niño y la Psicosis en Lacan El Analítico", Correo, Paradiso.

DOR, Joël. Introdução à Leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

FREUD, J. La Negación, Obras Completas, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

HEGENBERG, L. Lógica, Simbolização e Dedução, Herder, São Paulo, 1973.

JURANVILLE, A. Lacan e a Filosofia, Rio, Zahar, 1987.

LACAN, J. ÉCRITS, Paris, Éditions du Seuil, 1966.

_____. Position de l'Inconscient

_____. La Direction de la Cure et les Principes de son Pouvoir

_____. Subversion du Sujet et Dialectique du désir dans l'Inconscient Freudien

_____. Kant avec Sade

_____. D'Une Question Préliminaire à tout Traitement Possible de la Psychose

_____. Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud

_____. Remarque sur le Rapport de Daniel Lagache: "Psychanalyse et structure de la personnalité".

_____. Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse.

_____. L'Instance de la Lettre dans l'Inconscient ou la Raison Depuis Freud

_____. SCILICET n° 1, Paris, Seuil, 1968, Proposition du 9 octobre de 1967, sur le Psychanalyste de l'École

_____. SCILICET n° 2-3, Paris, Seuil, 1970

- _____. TÉLÉVISION, Paris, Seuil, 1974.
- _____. ORNICAR, nº 29, Paris, Seuil, 1984.
- _____. LE SEMINAIRE, Livre III, Les Psychoses, Paris, Seuil, 1981.
- _____. LE SEMINAIRE, Livre XI, Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychoanalyse, Paris, Seuil, 1973.
- _____. LE SEMINAIRE, Livre XX, Encore, Paris, Seuil, 1975.
- _____. LE SEMINAIRE, Livre VII, L'Étique de la Psychoanalyse, Paris, 1986.
- LAURENT, E. Carácter - Ego - Sujeto. Buenos Aires, Manantial, 1987.
- LEFORT, R. e LEFORT, R. Les Demoiselles d'Avignon. Ornicar nº 46, 1988.
- MILLER, J.A. Teoria de los Goces, Recorrido de Lacan, Buenos Aires, Manantial, 1989.
- MILLER, J.A. La Envoltura formal del Sintoma, Buenos Aires, Manantial, 1989.
- MORAIS, L. Anotações no Módulo de Lógica na Biblioteca Freudiana Brasileira. São Paulo, 1987-1989.
- NOGUEIRA, L.C. O Matema na Transmissão Psicanalítica. Inédito.

RABINOVICH, D. *Secualidade y Significante*, Buenos Aires, Manantial, 1986.

SOLER, C. *O Tempo em Anélise. Falo*, Revista Brasileira do Campo Freudiano, nº 1, Fator, Salvador, 1987.

_____. *Transferência y Angustia*, Buenos Aires, Manantial.

BICALHO, Helena M.S. O Fantasma na direção da análise.
São Paulo, 1990. 89p. Tese (Doutorado). Instituto de
Psicologia, Universidade de São Paulo.

RESUMO

O tema desenvolvido nesta tese dá seguimento
àquele já tratado na dissertação de mestrado.

Naquela ocasião, ao discutir o narcisismo em
Freud e Lacan, mostrei como a partir de Lacan, mas desde
Freud, não se pode falar de imaginário a não ser numa re-
lação ao simbólico. Isto porque não há autonomia ao ní-
vel imaginário mas ao nível simbólico.

Para tratar e situar o fantasma na direção da
análise é preciso fazê-lo à luz da topologiana lacania-
na, isto é, do real, do simbólico e do imaginário.

Lacan vai retomar a superação da primeira teo-
ria das pulsões (sexuais e de autoconservação) em Freud
e sua elaboração da segunda teoria das pulsões (vida e
morte) para, através da pulsão de morte, que opera como
fundamento da repetição, mostrar a dimensão real do go-
zo. A partir desta articulação é que será possível tra-
tar a dimensão do sintoma e sua relação ao fantasma na
direção da análise.

Se de um lado o fantasma é o suporte do desejo, por outro lado ele é ponto de gozo; assim é um articulador de desejo e gozo na direção da análise. É através da posição do sujeito no fantasma que teremos uma leitura da estratégia de desejo e da modalidade de gozo.

Se o sintoma é interpretado, o fantasma é construído em análise.

A travessia do fantasma na análise implica na construção do fantasma fundamental, ponto axiomático na estrutura do sujeito.

BICALHO, Helena M.S. Le Fantasme dans la direction de l'analyse. São Paulo, 1990. 89p. Thèse (Doctorat) Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

RÉSUMÉ

Le sujet dont il s'agit dans cette thèse donne suite à celui traité avant dans la dissertation de "mestrado".

Dans cette dissertation consacrée au narcissisme chez Freud et Lacan, je montrais que non seulement à partir de Lacan, mais aussi depuis Freud, on ne peut parler de l'imaginaire que par rapport au symbolique, puisqu'il n'y a pas d'autonomie au niveau imaginaire, mais seulement au niveau symbolique. Pour traiter et repérer le fantasme dans la direction de la cure, il faut le faire à la lumière de la topologie lacanienne c'est-à-dire du réel, du symbolique et de l'imaginaire.

Lacan va reprendre le dépassement de la première théorie des pulsions (sexuelles et d'autoconservation) chez Freud et son élaboration de la deuxième théorie des pulsions (vie et mort) pour, par l'intermédiaire de la pulsion de mort qui agit comme fondement de la répétition, montrer la dimension réelle de la jouissance. C'est à partir de cette articulation qu'il sera possible de traiter la dimension du symptôme et son rapport au fan-

tasme dans la direction de la cure.

Si d'une part le fantasme est le support du désir, d'autre part il est point de jouissance, aussi est-il ce qui articule désir et jouissance dans la direction de la cure. C'est par le moyen de la position du su jet dans le fantasme que nous aurons une lecture de la stratégie de désir et de la modalité de jouissance.

Si le symptôme est interprété, le fantasme est construit dans la cure.

La traversée du fantasme dans la cure implique la construction du fantasme fondamental, point axiomatique dans la structure du sujet.

BICALHO, Helena M.S. The Phantasme in the direction of psychoanalysis. São Paulo, 1990. 89p. Doctorate's Thesis. Instituto de Psicologia. Universidade S. Paulo.

SUMMARY

The subject developed in This thesis follows the one already treated in master's degree.

In that occasion, discussing narcissism im Freud and Lacan, I showed how from Lacan, but since Freud, it is not possible to talk about imaginary without relation to symbolic.

To deal and to place the phantasm in the direction of the psychoanalysis it is necessary to do it through lacanien topology - real, symbolic and imaginary.

Lacan retakes the overcoming of Freud's first instinct theory (sexual and self conservation) and his elaboration of second's instinct theory (life and death) for, through instinct of death, that operates as basis for repetition to show the real dimension for joy (jouissance). From this articulation it will be possible to treat the dimension of symptom and its relation to phantasm in the direction of psychoanalysis.

On the one side the phantasm is the support for

the desire, on the other it is point of joy (jouissance); so it is an articulation between desire and joy (jouissance) in the direction of psychoanalysis. It is through the position of the subject in the phantasm that we can have one lecture of the desire's strategy and the joy's modality.

If the symptom is interpreted, the phantasm is builded in psychoanalysis.

The traverssing of the phantasm implicates in the building of the fondamental phantasm, point axiomatic in the subject's structure.

A N E X O

O Caso Clínico

O analisante é uma jovem senhora, casada, à qual dei o nome de Marina, um anagrama criado por ela em análise.

Ao procurar a análise queixa-se de ter preguiça e de não conseguir levá-la até o fim. interrompeu os estudos e vários tipos de trabalho.

Num segundo momento, falando dos sintomas em nível descritivo, comete um ato falho.

Então ela diz: "Sou muito exigente comigo, não suporto uma terceira pessoa no meio".

O significante terceira é pontuado, ato falho que faz emergir a divisão do sujeito.

Então ela diz: "Devia falar segunda, falei terceira pessoa porque esta segunda pessoa é essa voz com quem eu falo".

É neste momento que começa a histerização do sintoma, isto é, a pontuação implica o sujeito em sua divisão significativa. É aqui que sua demanda se estrutura ao modo do matema de histérica. Marina como \$, ocupa o lugar do agente.

Mas a entrada em análise ainda implica a implan-
tação do Sq do analista e uma passagem ao discurso do
analista. É aí que o sintoma se completa ao ser incluído
na transferência e toma a forma de sintoma analítico.

Este momento apresentou-se na direção da análi-
se através de um sonho transferencial. Neste sonho Mari-
na vai ao dentista e conversando com ele faz um ato fa-
lho. O dentista pergunta-lhe o nome da sua analista e
ela responde: Helena Maria Carvalho Bicalho.

O ato falho Carvalho/Sampaio abre uma série as-
sociativa.

Aqui podemos dizer que o sintoma se completa com o significante da transferência.

Há uma voz com a qual ela fala, há uma dificuldade em se separar da mãe. Este já é o nível simbólico do sintoma, efeito do trabalho do significante nas formações do inconsciente: o primeiro no ato falho e o segundo no sonho.

Mas o ato falho produzido no sonho Carvalho/Sampaio completa o sintoma com o significante da transferência.

É a palavra pai no nome esquecido Sampaio que faz a abertura do instante fantasmático.

Aí temos a articulação do sintoma analítico com o fantasma: o ponto de articulação foi pai-patrão, metonímia significativa.

A frase de abertura do instante fantasmático foi: "Um patrão que castiga".

"A entrada do sujeito no real corresponde à sua saída do Outro, que corresponde ao sujeito da enunciação"¹.

No caso clínico é o sonho, com seu ato falho 'terceira pessoa' por 'segunda pessoa' que instaura o

---

1. Soler, C. Seminário "A clínica do real". Proferido na Biblioteca Freudiana Brasileira, em 1987

plano de enunciação.

No mesmo seminário citado anteriormente, Soler diz que: "O que funciona como sintoma no início da análise é alguma coisa que não se pode não se encontrar".

Ainda neste seminário ela propõe o seguinte esquema, para dar conta da relação do simbólico com o real na direção da análise.

O primeiro R corresponde ao que do registro do real vai para o registro do simbólico. O S é o registro simbólico. O segundo R é o que no simbólico pode emergir como real.

Se "o fantasma é aquilo pelo qual o sintoma implica gozo para um sujeito"², este real é o primeiro real do esquema que o acaso (ato falho proferido no sonho e o sonho nele mesmo) põe em presença.

No seminário citado Soler disse que "O sintoma funciona como real no início do tratamento. E há então a

2. Di Ciacca, A. Nota sobre el niño y la psicosis en Lacan. El analiticón. Correo, Paradiso.

tomada do simbólico no sintoma como real".

No caso clínico a tomada do simbólico é o ato falho do sonho, que ocorre no simbólico pois há metonímia significante, no sintoma como real. Isto é, a voz com quem ela fala só é trazida à análise via ato falho. É um real impossível a suportar que provoca o ato falho.

O segundo real do esquema tem que ser demonstrado.

A demonstração só será possível acompanhando "as leis de transformação que asseguram a este fantasma, na dedução dos enunciados do discurso inconsciente, o lugar do axioma"³.

---

3. Lacan, J. Seminaire Logique du fantasme, 1966-67. Inédito, p.322.